

JOÃO TORDO

Naufrágio



COMPANHIA DAS LETRAS



Faz agora mais de dez anos que não escrevo. No princípio, achei que era uma maldição. Sentava-me ao computador e entrava numa crise profunda, de origem remota e indecifrável. Achava-me condenado, mortificado. Um sortilégio caíra sobre mim, e o meu lado supersticioso aproveitou-se desse período de escassez para conjurar uma história ridícula de castigo, como se aquele final abrupto fosse a consequência da minha cobiça insaciável.

Os primeiros tempos de seca foram insuportáveis, e estive a ponto de me matar. Depois, aos poucos, habituei-me à aridez da criação literária e, por fim, rendi-me. Descobri, com a perplexidade dos tolos, que era mais feliz longe da página em branco; descobri — após mais de duas décadas de obsessão pela literatura — que aquilo que eu almejava não era a plenitude, mas a admiração; não era a felicidade, mas o reconhecimento. Fui, portanto, adiando o regresso à escrita, ou então desisti sem o assumir, não sei. Passaram-se dois anos, depois quatro, sete, nove. Durante essa longa ausência, comecei a fazer muitas das coisas que a dedicação cega ao ofício me roubara. Tornei-me um nadador inveterado, fiz longas caminhadas pelos bosques, vi filmes até de madrugada, passei manhãs inteiras de roupão a tocar

guitarra; descobri que a vida e a escrita eram, para mim, duas forças antagônicas, quase contraditórias. Quanto mais afastado da escrita estava, mais vivo me sentia, como se escrever tivesse sido idêntico a encerrar-me num sarcófago para a eternidade, a mergulhar em águas turvas, para logo emergir, sufocado, à procura de ar; o equivalente a um suicídio desavisado, involuntário.

Já ia no final dos quarenta, portanto, quando comecei a viver. Tudo o que ficara interrompido pela obsessão com a escrita regressara com a naturalidade e o espanto de um primata que sai da sua caverna sombria e vê, finalmente, o mundo. Percebi algo muito simples: eu estava vivo, escrever era um mal desnecessário, o tempo escapava-me, e, mais cedo do que mais tarde, chegaria a velho. De que serviam a admiração e o reconhecimento a caminho da cova ou de um lar de idosos? Que bem-estar traz o Prémio Nobel a um suicida que se negou a viver? Que regozijo pode sentir um morto-vivo com o aplauso dos outros? Que ilusão dita a proeminência do nosso trabalho sobre todas as outras actividades humanas, sendo aquela que menos afectividade produz?

O trabalho de um escritor promove a separação — dentro de si, de si para os outros. Foi esta a conclusão a que cheguei, ou, quem sabe, foi este o corolário lógico dos anos que passaram em branco. Cá dentro, a velha chama de escrever mais um livro minguou até quase desaparecer, como um bico do fogão que deixamos ligado sem querer, tão fugaz é a sua chama. Ao fim de alguns anos assim, julguei que o escritor que havia dentro de mim morrera. Desapareceste, cabrão, disse-lhe, um dia, e não houve resposta. A sua ausência marcou o fim desta minha separação da vida: a pouco e pouco, senti-me entrar no verdadeiro núcleo da existência e também, pela primeira vez, parte

do misterioso Universo, precisamente porque deixara de pensar nele ou de tentar entendê-lo.

O tempo passou. Aos cinquenta e cinco anos, após uma década e meia de abstinência, voltei a beber. Descobri que já não me descontrolava como no passado, que passava bem com uma garrafa de vinho branco por noite. Também arranjei uma namorada vinte e dois anos mais nova, com quem ia à praia e aos mercados biológicos, aos festivais de Verão nos parques de Lisboa, a um ou outro restaurante da moda. Esqueci-me da página em branco, da maldição, da crise, do castigo. Não estava condenado; julguei, pelo contrário, que descobrira os encantos da idade.

Porém, como tudo o que começa também chega ao fim, e no que me pareceu um único momento, aconteceram duas coisas que me deitaram por terra. Uma delas é privada, a outra, pública. Em 2015, diagnosticaram-me um cancro; dezoito meses depois, e após dez anos de bloqueio criativo — esta inesperada bênção que me devolveu à vida —, surgiram as acusações que provavelmente conhecem (que outra razão haverá para estarem a ler isto?): a minha vida pessoal escrutinada, a minha intimidade esventrada, os meus piores defeitos expostos como carcaças num talho.

À semelhança de todos os acusados, a única defesa possível é contar a verdadeira história, mesmo que ela me incrimine e todas estas páginas possam ser usadas contra mim no severo tribunal da moral pública. Consola-me saber que, como todas as histórias, será essencialmente uma fábula, ou a mentira que vou contando a mim próprio, para que até neste lugar de mágoa exista a possibilidade de sentido.

*

Não tentarei defender-me das acusações de assédio, mas sim recordar a espiral de insanidade em que me vi metido durante muito tempo.

Antes mesmo de as acusações terem lugar, o epíteto de *mulherengo* fora-me aplicado muitas vezes — mesmo naquelas alturas em que o mais distante do meu pensamento eram as mulheres. Ao reflectir nisso, concluo que, tal como em todas as expressões do desejo humano, existe qualquer coisa de patológico no processo da atracção sexual. Ela pode acontecer inúmeras vezes e de múltiplas formas, e a frustração que, com frequência, dela resulta pode, em certos casos, tornar-se uma doença. Eu padecia dessa doença, cujo grande logro é a possibilidade de satisfação. Porém, não cessa; nunca se encontra satisfeita; torna-se somente mais insaciável, mais perversa, mais refinada. Durante os meus trintas, esta frustração trouxe-me uma depressão continuada, que aniquilou a minha capacidade de me relacionar saudavelmente com uma mulher; e, portanto, nunca pousei, nunca parei, andei em constante tumulto, e fui apelidado de *mulherengo*, com razão aparente. Revoltei-me contra esta palavra, décadas a fio, até perceber (agora, só agora!) que ela é absolutamente certa e absolutamente equívoca. Embora encaixe que nem uma luva num homem como eu, é entendida como a expressão de uma leviandade risonha, de uma virilidade desavergonhada, quando, no fundo, é o sintoma de uma enorme ferida. Um *mulherengo* não é um homem feliz, é um homem doente, que não encontra paz; alguém derrotado de antemão.

Por isso, não tentarei defender-me nestas páginas. Para quê? Não saber amar é castigo suficiente.

As acusações públicas varreram, com a rapidez de um tornado, tudo à minha volta: os meus livros foram censurados e retirados de circulação; os poucos amigos que tinha afastaram-se, e aqueles que eu julgava próximos mostraram-se reticentes perante as minhas tentativas de racionalizar o problema e reclamar inocência.

Umhas semanas depois da primeira acusação, o telefone tocou.

É o senhor Toledo?, perguntou a voz feminina do outro lado.

Sou eu, respondi, algo ensonado.

Porco, lançou-me a voz encrespada, e reiterou, antes de desligar: Porco nojento.

O telefone emudeceu. Sentado na varanda do meu apartamento, fiquei a olhar para os prédios do outro lado da rua. Quando assomava à varanda, havia quase sempre um homem em tronco nu que fumava cigarros à janela (o braço esquerdo levantado, o cigarro entre os dedos da mão direita), um tipo gordo e peludo que eu observava muitas vezes, à noite. Éramos estranhos amigos, companheiros da insónia, do calor e das chuvas, do nevoeiro que, por vezes, se levantava sobre o Tejo. Ele gritava com a mulher, era o seu desporto favorito; ela caminhava de um lado para o outro da casa, sempre de rolos na cabeça, muito agitada, pobre criatura, afinal, vivia com um zangão enraivecido que exibia as suas banhas à janela. Por vezes, tinham discussões épicas que terminavam com os vizinhos a reclamar do barulho.

Se olhasse para a esquerda, via a Ponte 25 de Abril, o vermelho esbatido recortado contra o céu púrpura e alaranjado do fim de tarde, impossível de descrever. Porco, lembrei,

o coração a bater descompassado. O muro da varanda separava-me do abismo. O meu futuro era uma porta aberta que conduzia ao negrume mais temido, como alguém que julga entrar num quarto às escuras e, afinal, cai num precipício.

Fui à cozinha, trouxe uma garrafa de vinho gelado e fiquei ali, a beber, desafiando as horas, sabendo que, mais cedo do que mais tarde, o sono viria e eu esqueceria, por instantes, o mundo e as suas terríveis ameaças, as suas gritantes injustiças.

Antes de ir dormir, ergui o braço e acenei ao meu vizinho fumador. Àquela distância, não soube dizer se me devolveu o aceno, mas gosto de imaginar que sim.

Quando soube que estava doente, a primeira coisa que fiz foi comprar um barco. Com uma parte das economias que me restavam, adquiri um pequeno San Remo, parecido com aqueles que cruzam os afluentes do Mississípi em busca de camarão fresco. Não é que eu goste de barcos. O mar alto enjoa-me, não percebo nada de marés, sou um completo ignorante em matéria de navegação. Aprendi onde ficam bombordo e estibordo, porque me pus a imaginar os velhos navegadores descendo ao cabo das Tormentas, sabendo que, do lado esquerdo, terra firme e morna os aguardava — portanto, *bom bordo*. Quanto à popa, obriguei-me a recordar que a poupa no cabelo de alguém aponta, habitualmente, para trás, este género de inanidades.

A verdade é que, ao receber notícias terríveis, uma pessoa tende a deixar-se subjugar pelos seus desejos mais fúteis. Durante os meus passeios pelas docas com Leonor (a tal namorada mais nova, que desaparecerá rapidamente), eu passara

muitas vezes por aquele barco. Era um San Remo 635 Fisher, uma pequena lancha com varandim, escotilhas de cabine, um volante castanho, uma mesa desmontável à popa e espaço suficiente na cabine interior para que duas pessoas dormissem sem muito desconforto. O San Remo não tinha motor e estava fundeado nas docas, entre dois veleiros de grandes dimensões; parecia abandonado, ali deixado a definhar. Habitualmente, não lhe daria dois segundos de atenção. Mas o pobre coitado chamava-se *Narcisse* — escrito a letras azuis, desbotadas pelo sol e o sal; sem saber porquê, lembrei-me de Joseph Conrad e, por isso, sempre que dávamos aqueles passeios enfadonhos, comecei a reparar no estado lastimável da embarcação.

No dia em que o médico me deu a notícia, o meu primeiro pensamento foi para o barco abandonado.

É cancro, confirmou. Chamava-se Sanches Redondo, um homem que falava num tom de fatídica inevitabilidade. Cancro da bexiga, reiterou.

Que merda, respondi, embora não me espantasse aquele diagnóstico em tudo tardio: o sangue na urina há meses, o ardor constante, os despertares nocturnos, a pélvis dolorosa; por vezes, a sensação funesta de qualquer coisa maligna alojada no interior do meu corpo, logo abaixo do estômago.

Merda é o outro cancro, gracejou Sanches Redondo.

Eu quis saber pormenores. Ele mostrou-me as análises e disse que era um carcinoma urotelial com diferenciação parcial escamosa, o que agravava o diagnóstico. Fase dois, anunciou, querendo dizer que o tumor alastrara para as regiões anexas à bexiga.

Qual é o prognóstico?, perguntei.

Essa palavra!, exclamou ele.

Prognósticos, só no fim do jogo, é isso?

Essa frase..., disse ele.

O quê, doutor?

... foi dita por aquele futebolista que parecia um taberneiro. As pessoas acham que é a frase mais estúpida de sempre, mas, na verdade, é das coisas mais inteligentes que já ouvi. Não existem prognósticos, o que há é superstições, vamos ganhar dois a zero e, afinal, perdemos três a um, eu posso dizer-lhe que vai viver mais dez anos, e depois morre no mês seguinte — e nem sequer morre do cancro, mas atropelado, ou então cai das escadas, sei lá.

Ele soltou um riso de escárnio. Prognósticos...

Já entendi, disse eu.

Não entendeu nada, insistiu o médico, o que você precisa de saber é que tem uma doença, que ela está a espalhar-se agora mesmo, enquanto falamos, é um tumor invasivo, e que o tratamento passa por uma cistectomia parcial com linfadenectomia pélvica, ou seja, na prática, a seguir à cirurgia — partindo do princípio de que teremos sucesso —, passará o resto da vida a levantar-se de noite para ir à casa de banho.

Sanches Redondo suspirou e olhou para o esqueleto ridículo, feito de plástico, que estava ao canto da sala.

É uma merda, disse ele.

De facto, não são grandes notícias, reflecti.

Mas há sempre um lado positivo, prosseguiu o médico. É possível que a cirurgia lhe afecte os nervos daquela região e o deixe impotente. Se isso acontecer, uma coisa é certa: vai esquecer-se do sexo. Fitou-me com uma expressão próximo da ternura, e garantiu: Eu esqueci-me, Toledo, e foi uma bênção.

Está bem.

Mas vai doer.

Paciência.

Primeiro, sofreremos, a seguir, as dádivas chovem do céu, não é?

Se assim o diz, respondi. Mais alguma coisa?

Pólvora seca, respondeu. Mexer na glândula prostática e nas vesículas seminais vai travar-lhe a produção de espermatozoides. Não de sémen, não é a mesma coisa. Os jovens acham que vir-se aos litros é sinal de masculinidade, mas pode ser sinal de uma infecção na próstata... Um tipo pode jorrar litros e não ter um espermatozóide de jeito, entendeu?

Os espermatozóides, concordei.

Exacto. Ele apontou qualquer coisa num papel — na realidade, pareceu-me ter desenhado um rosto triste, como os bonecos das mensagens de texto — e, olhando-me novamente por detrás dos óculos, perguntou: Que tal este prognóstico, Toledo?

Encolhi os ombros.

Presumo que não valha a pena perguntar-lhe quanto tempo de vida tenho.

Ah! Só se eu fosse Deus.

Uma estimativa qualquer?

Ele continuou a desenhar bonequinhos. Sabe como são calculadas as probabilidades de sobrevivência?, perguntou.

Não faço ideia.

Bom, dão-lhe uma percentagem das pessoas que ainda estavam vivas passados cinco anos de terem sido diagnosticadas com o mesmo tipo de cancro que agora tem.

Qual é essa percentagem?

Ultrapassa em pouco os sessenta por cento, replicou. Mas está a entender a falácia, ou não?

Naufrágio

O novo romance de João Tordo conta-nos a história de um homem à deriva, enredado nos seus fantasmas e obrigado a enfrentar a mais terrível das acusações.

«Quão longa é a penitência de um homem, quantas semanas e meses e anos demora a expiação dos pecados?»

Aos sessenta anos, o romancista Jaime Toledo enfrenta vários problemas. Não escreve há uma década, foi diagnosticado com cancro e, de repente, dá por si no epicentro de um escândalo. Escritor de renome em Portugal, a polémica lança-o para o abismo – sem carreira, sem dinheiro e sem casa, com os livros a ganhar pó nos armazéns, depois de banidos pela sua editora, toma uma decisão radical: deixar tudo para trás e mudar-se para um barco decrépito, fundeado nas docas de Lisboa. É no *Narcisse* – um minúsculo «barco mágico» –, na companhia de uma velha guitarra e de um cão chamado Sozinho, que Jaime procurará devolver o sentido à sua vida, reconciliando-se com o passado: as relações conturbadas com as mulheres, o abandono da escrita, a culpa que o corrói.



Até que, um dia, a aparição de uma figura do passado mudará tudo, desviando a narrativa para um lugar inesperado. Estará nas mãos de Jaime decidir se este naufrágio é o fim ou um caminho para algo novo.

Este é um romance corajoso sobre o amor e as relações entre os sexos, uma reflexão sobre a memória e a culpa, e as linhas difusas que definem as fronteiras pessoais, sociais e morais. Através do seu protagonista, João Tordo traça o perfil de um homem em busca da redenção possível, num mundo mais rápido a julgar do que a reflectir e onde é mais fácil condenar do que estender a mão.

«Por vezes, a ausência de esperança é uma forma de esperança; a paciência surge quando se esgota a paciência; o amor nasce, estranhamente, do mais profundo desamor.»



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

  [penguinlivros](#)

 [companhiadasletrasportugal](#)

ISBN 9789897845390



9 789897 845390 >